**Thompson e Scott: algumas reflexões.**

**Autora: Prof. MS. Maria Eunice Figueiredo Guedes, Faculdade de Psicologia/UFPA. E-mail** [**nicepsique@hotmail.com**](mailto:nicepsique@hotmail.com)

**RESUMO:**

Este trabalho vem dar continuidade, a reflexão anteriormente realizada, sobre o significado do termo gênero. Neste trabalho procurei traçar uma primeira aproximação do significado da palavra (gênero) retomando primeiramente pesquisa realizada, no dicionário da língua portuguesa (Ferreira,1986); em segundo lugar procurei apontar algumas etapas do movimento de mulheres/movimento feminista brasileiro, na perspectiva de trabalho realizado por Bandeira e Oliveira (1990), e assinalar a conceituação de gênero e algumas perspectivas históricas, do ponto de vista de Scott (1991). Foi trabalhada, na terceira parte algumas conceituações do trabalho de Thompson (1995) sobre Ideologia e Cultura. Essas três partes serviram para traçar uma aproximação preliminar, entre Scott e Thompson, no que se refere a uma melhor compreensão do conceito de gênero. O objetivo com este trabalho foi situar, os dois autores, procurando vislumbrar algumas aproximações teóricas.

**Palavras Chave: Gênero, Scott, Thompson**

**Introdução**

Este trabalho vem dar continuidade, a reflexão anteriormente realizada, sobre o significado do termo gênero. Neste trabalho [[1]](#footnote-1)procurei traçar uma primeira aproximação do significado da palavra (gênero) retomando primeiramente pesquisa realizada, no dicionário da língua portuguesa (Ferreira,1986); em segundo lugar procurei apontar algumas etapas do movimento de mulheres/movimento feminista brasileiro, na perspectiva de trabalho realizado por Bandeira e Oliveira (1990), e assinalar a conceituação de gênero e algumas perspectivas históricas, do ponto de vista de Scott (1991)[[2]](#footnote-2). Foi trabalhada, na terceira parte, algumas conceituações do trabalho de Thompson (1995) [[3]](#footnote-3)sobre Ideologia e Cultura . Essas três partes serviram para traçar uma aproximação preliminar, entre Scott e Thompson, no que se refere a uma melhor compreensão do conceito de gênero. O objetivo com este trabalho foi situar, os dois autores, procurando vislumbrar algumas aproximações teóricas.

I. Esmiuçando o Dicionário da Língua Portuguesa

Inicialmente foi feito um percurso pelo Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986) buscando os significados, para a língua portuguesa, das palavras gênero, masculino/feminino; homem/mulher. Assim encontramos significados diversos dessas palavras, o que poderia possibilitar compreensões diversas, por parte de atrizes/atores, dependendo de como cada significado seja apreendido por estes (atores/atrizes). Particularmente interessante, neste percurso pelo dicionário, foi as definições encontradas de mulher/homem. Assim para Ferreira (1986, p.1168) mulher seria “o ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos e que se distingue do homem por essas características”. Já o Homem o dicionário (Ferreira, 1986, p.903) aponta como, “qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que, apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano”. Encontramos, junto com as definições de mulher/homem, uma série de designações agregadas a estas definições. Para a palavra mulher estavam assinaladas, segundo Ferreira (1986, p.1168), as denominações de “mulher à toa”; “mulher de comédia”; “mulher de rótula”; “mulher de rua”; “mulher da vida”; mulher de amor “;” "mulher de fado”; mulher de fandango “;” mulher do mundo “;” mulher do pala aberto “;” mulher errada “;” mulher fatal “;” mulher perdida “e” mulher vadia “. Todos estas denominações acrescentadas, ao nome mulher, apresentam no dicionário o significado de” meretriz “. Somente duas não apresentavam esse significado:” mulher do César “(porque é de César- grifo nosso) e” mulher do piolho “. Esse significado de” meretriz “, colocado como significado/definição, para a maioria dessas denominações de mulher, ultrapassavam assim a própria definição do termo” mulher “, pois a definição inicial referia-se a diferenças no campo da reprodução humana , ou seja” capaz de conceber e parir outros seres humanos “e assinala que essa capacidade (de parir e conceber) é que faz a distinção entre mulher e homem. Já os outros termos apontados (as várias denominações de mulher) já apresentam, outro significado, que ultrapassa esse significado de mulher, como participante da reprodução humana, pois agrega uma nomeação (grifo nosso), a essas várias mulheres- serem “meretrizes”.

Lógicas diferente, vão encontrar no dicionário, quando junto com a definição de homem, encontram-se outras nomeações de tipos de homens (grifo nosso). Não encontramos, nenhum significado de homem, que pudesse ser comparado com “meretriz”. Pelo contrário todos os significados de homem encontrados tinham “valoração positiva” (grifo nosso)[[4]](#footnote-4). Também, se compararmos as definições, de mulher e homem, veremos que, seus significados, também não apresentam uma mesma lógica. Pois, enquanto o termo mulher está associado à sua capacidade reprodutiva, o termo homem significa “aquele que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva- o ser humano” (Ferreira, 1986, p.903). Poderíamos deduzir que, poderia estar embutido, na definição deste termo (homem), um sentido mais geral de humanidade, ou seja, o “ser humano” (composto de homens e mulheres –grifo nosso). Só que logo depois dessa definição, Ferreira acrescenta, que este ser homem “é dotado das qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc.” (Ferreira, 1986, p.903). Então essa definição ultrapassa assim a “humanidade” para ser agregado a este termo (homem) outros atributos como “força”; “coragem”; “vigor sexual”.

Esse exercício, de percorrer o dicionário, mostrou-se assim bastante interessante para exemplificar as diferenças encontradas, na gramática, entre os termos mulher/homem. A mesma situação (de confusão e mistura de significados) encontramos em relação às definições dos termos feminino/masculino e gênero[[5]](#footnote-5). Esses significados diferentes, expressos na linguagem, refletem na construção de sentidos para mulher/homem; feminino/masculino.

Em relação ao termo gênero, ao pesquisarmos seu significado no dicionário, as denominações são ainda mais confusas. Pode significar desde classe (no campo da lógica); gênero artístico ou estilo de arte; gênero alimentício ou ter um significado mais ligado a ponto de vista gramatical . Nesta perspectiva (da gramática) Ferreira (1986, p. 844) coloca que gênero significa “categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas”. Neste sentido (gramatical) Ferreira aponta a existência de três tipos de gênero : masculino, feminino e neutro . À definição sobre o feminino corresponderia o “gênero de palavras ou nomes que pela terminação ou concordância designam os seres femininos ou como tal considerados” (Ferreira, 1986, p. 768); já a definição de masculino “diz-se das palavras ou nomes que pela terminação e concordância designam seres masculinos ou como tal considerados” (Ferreira, 1986, p.1099). Quanto ao significado de neutro é ainda mais *vago* (grifo nosso), pois para Ferreira (1986, p. 1195) significa “o gênero de palavras ou nomes, que em certas línguas, designamos serem concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos e femininos”. O que significaria então esse gênero neutro que se opõe aos animados, masculinos e femininos “?”.

Através deste nosso percurso pelo dicionário, poderíamos deduzir o quanto que a linguagem tem influência na construção cultural do povo - a partir da produção, transmissão e circulação de bens simbólicos. Esse processo (produção, transmissão e recepção de bens simbólicos) pode estar presente na tentativa de homogeneizar e cristalizar definições de homem/mulher; na normatização desses significados pelas instituições sociais, como família, escola, igreja etc.; no processo de instituição de normas e valorações positivas e negativas; na definição do que é certo e errado para um ou outro sexo; no obscurecimento da história da construção do significado de homem e mulher; na utilização das diferenças anatômicas entre ambos os sexos, para instituir atributos- força, vigor sexual, coragem etc. a um ou outro sexo; na invisibilidade do processo de resistência de atores/atrizes ao longo dos vários contextos históricos.

Por outro lado, o termo gênero , na última década, está sendo objeto de uso e/ ou estudo por movimentos sociais , como o movimento de mulheres e/ou feminista, nas práticas de intervenção política; nos trabalhos acadêmicos, no âmbito de pesquisas e estudos sobre mulheres; nas políticas públicas para as mulheres em vários países; em conferências nacionais e internacionais; pelas instituições financeiras nacionais e internacionais etc., e cada vez mais sendo visto (o termo gênero), como uma categoria importante de análise e intervenção, em relação à desigualdade existente entre homens e mulheres, em vários níveis[[6]](#footnote-6).

Assim temos usos e significados diferentes para gênero : na definição gramatical utilizada no dicionário da língua portuguesa; no uso e análise de movimentos e /ou organizações governamentais e no esforço teórico que têm sido efetivado por acadêmicas (os). Por outro lado esse termo (gênero) tem uma história, sobre o seu aparecimento e definição, principalmente a partir da ação dos movimentos sociais. Procuramos então, em outra parte deste mesmo trabalho [[7]](#footnote-7), traçar o legado histórico de seu aparecimento, para os estudos e pesquisas, no âmbito da academia. É comum escutarmos frases como “isto é uma questão de gênero”; “o gênero dentro do trabalho”; “a construção do gênero” etc. (grifo nosso) de uma maneira a resgatar e recolocar um termo (ou seria melhor falarmos de conceito?), no espaço acadêmico. Mas também nesse espaço este se encontra em construção, e o esforço teórico para sua compreensão e definição, pode muitas vezes não encontrar correspondência na própria construção cultural [[8]](#footnote-8) da sociedade brasileira. Atrizes/atores tem colaborado na constituição do conceito de gênero. Faz-se necessário então, resgatar a contribuição do movimento de mulheres/movimento feminista, para a construção do termo gênero na academia.

**I. Movimento de mulheres/movimento feminista - e o gênero?**

Dois mil e quinhentos anos de civilização, a partir do apogeu grego trazem em seu bojo todo um legado cultural. O imaginário humano foi sendo povoado como diz Almeida (1992, p.15) por “uma gama imensa de mitos, cosmogonias, seres folclóricos, etc. A posição e o papel da mulher em meio a este circuito acabam sendo expressos através desses mitos inscritos no imaginário”.

Ao enveredarmos ainda pela compreensão do gênero e procurarmos compreender o seu significado, no campo da construção teórica e da sua relação com o movimento de Mulheres/Movimento Feminista, vemos que há cerca de duas décadas certo furor feminino atacou diversos campos do saber, ligado principalmente ao movimento Feminista. Esse furor representava tentativa(s) de dar estatuto de “saber” à vivência e estudos sobre a mulher. Era a época de “visibilizar” um segmento que se encontrava embutido” sempre no geral: a história da classe trabalhadora, a força-de-trabalho na indústria, etc. De certa maneira caminhava-se no campo teórico, com passos ligados/interligados aos movimentos que se gestavam no país, pós anos 70. A luta pela abertura política no Brasil, trouxe uma reflexão também da condição feminina, a qual teve um impulso maior no país, com a instauração da Década da Mulher pela Organização das Nações Unidas - ONU (1975 a 1985). Com a vinda de militantes exiladas pelo regime ditatorial, a discussão sobre o feminino/feminismo, se acentuou ainda mais, já que em outros países a discussão sobre a opressão feminina “se encontrava em estágios de discussão bem avançados, enquanto no Brasil ainda engatinhávamos no pós-abertura”. Os encontros/desencontros de militantes latino-americanas (os), com inglesas (es), francesas (es), alemãs (ães), com essa reflexão/discussão de certo pensar a” mulher “, possibilitou modificações também no Brasil. Surge daí a afirmação primeira do movimento feminista brasileiro, ou sua primeira fase, “visibilizar o feminino enquanto elemento qualitativo e constitutivo da população e das instituições brasileiras” (Bandeira e Oliveira, 1990). O período correspondente a esta fase vai dos anos 80 a 85. Afirmava-se assim, nessa época, tanto no âmbito da Academia, quanto dos movimentos, temáticas que levassem em conta a

*“importância da participação das mulheres no seio de partidos/sindicatos, movimentos de bairro/instituições em geral etc. Visualiza-se a mulher, com esta perspectiva, dentro dos movimentos gerais, tentando apontar para a ocupação de um segmento importante e, qualitativamente numeroso no âmbito do Macro-Social, ou seja, Mulher: Participação e Representação Política, podendo ser este o slogan deste período” (Bandeira e Oliveira, 1990, p. 5).*

Um segundo momento, nessa história de construção do conceito de Gênero no seio dos movimentos sociais e Academia, poderia ser agregado ao slogan dos grupos de reflexão feminista, que proliferaram no país pós 80, de que “O cotidiano é político”. Gestava-se outra necessidade dentro dos diversos movimentos. Era necessário mais do que “visibilizar” a Mulher. Precisava-se entender o sujeito Mulher; a identidade feminina, desvendando as relações do cotidiano. Não havia neste momento, tanta preocupação com os interlocutores, a ideia era soltar as “ideias” no ar. Havia resistência social e acadêmica a estas ideias, e por outro lado, as mulheres feministas, na busca de tentar entender a especificidade do ser-mulher, ainda se colocavam nos seus guetos (grifo nosso). Essa atitude visava poder responder às inúmeras provocações, por parte dos companheiros, que, reafirmando a assimetria do masculino e feminino na sociedade, afirmavam por exemplo que: “a compreensão do surgimento do movimento operário brasileiro não mudou porque souberam que as mulheres participaram da sua formação”. Esta fase, ou segundo momento, compreendeu o período que foi de 1985 a 1988.

Um terceiro momento compreende o período que vai de 1989 aos dias atuais, em que a discussão do feminino/masculino busca lutar contra guetos e resgatar aliadas (os). Se os movimentos de mulheres e feministas tinham descerrado os véus da “Invisibilidade” no seio dos movimentos sociais, se tinha buscado um estatuto científico para os estudos sobre a Mulher, ainda assim, se encontravam nos *Guetos* (grifo nosso). Embora politizando os espaços públicos e afirmando que o privado também era importante, pois esse era um grito necessário, acabavam falando delas para elas mesmas. Resgatar o ser mulher foi importante para os diferentes movimentos, mas não significou mudanças nas relações sociais expressas nas práticas cotidianas, institucionais. Proliferaram estudos sobre a Mulher, mas o diálogo e o estatuto da cientificidade continuavam a corroer as tentativas feitas por estudiosas/acadêmicas/feministas. Buscava-se agora, então, resgatar e compreender a dialogicidade da comunicação “Eu/Outro” (grifos nossos), pois no “Eu” também está presente o“Outro”, haja vista os exemplos colocados neste texto anteriormente sobre as definições dos termos Gênero, Masculino/Feminino, Mulher/Homem. Era o momento de buscar entender o que particulariza a totalidade e o que a totalidade particulariza (Bandeira e Oliveira, 1990). O gênero assim compreendido passa a ser compreendido, como uma categoria relacional.

Com estes elementos em mãos tenta-se buscar, nesta etapa do movimento de mulheres/Academia, compreender o termo gênero, enquanto possibilidade de instaurar a dialogicidade no seio dos movimentos e Ciência e tentar compreender o significado e constituição do conceito de gênero.

**II. 2 Gênero: algumas abordagens teóricas e os elementos constitutivos do conceito (gênero) na perspectiva de Joan Scott.**

De maneira resumida, não pretende esse texto esgotar toda a bibliografia, existente hoje sobre o termo gênero, por sinal já bastante vasta. Vamos alencar alguns pressupostos que norteiam os estudos e compreensão de diversas (os) estudiosas (os), militantes de movimentos, nesta fase atual de compreensão do termo gênero.

A conceituação de Gênero, enquanto possibilidade de “entender processos de construção/reconstrução das práticas das relações sociais, que homens e mulheres desenvolvem/vivenciam no social” (Bandeira e Oliveira, 1990, p. 8), têm redundado em algumas questões que precisam ser mais bem clareadas. Primeiramente que o conceito tem uma história, pois ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada “os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais”. Segundo Scott,(1991) citando Gladstone “Atena não tinha nada do sexo, a não ser Gênero, nada de mulher a não ser a forma” (Gladstone, 1978).

Recentemente, as feministas americanas começaram a utilizar a palavra “Gênero”, no sentido literal, como uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos. Eram tentativas de resistência por parte destas feministas ao determinismo biológico implícito, presente no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Na verdade queria-se enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em sexo. Conforme afirma Scott (1991) [[9]](#footnote-9), assinalando o objetivo de trabalho de Davis, a qual coloca que “o nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (Davis, 1975, p. 90).

O Gênero também era visto e proposto por pesquisadores que afirmavam a importância do conceito para transformar os paradigmas no interior de cada disciplina.

*“... Inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais... não é exagerado dizer que por mais hesitantes que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história...” (Gordon, 1976, p. 89).*

Esta afirmação, de Gordon (1976), segundo Scott, pressuporia uma analogia entre gênero com classe e raça. Para estas pesquisadoras as desigualdades sociais de poder estão organizadas segundo no mínimo estes três eixos: gênero/raça/classe. O problema, desta proposta teórica, para Scott, é que esta articulação pressupõe uma paridade que não existe, pois “classe está vinculada à teoria complexa de Marx (determinação econômica e mudança histórica). Raça e gênero não veiculam tais associações” (Scott, 1991, p.2). O próprio conceito de classe não é unanimidade entre as pesquisadoras (es), pois umas utilizam a referência Marxista, outras (os) a de Weber. Não existe por outro lado uma clareza nesse nível a respeito de raça e gênero e nem as desigualdades existentes nas práticas e relações sociais, em relação à assimetria homem/mulher e etnia, se dão no mesmo plano de análise das determinações econômicas.

As (os) historiadoras (es) utilizaram, segundo Scott (1991, pp.3-4), com o conceito de Gênero, dar conta de três questões: .. Explicar as continuidades/descontinuidades e dar conta das desigualdades presentes, das experiências sociais radicalmente diferentes.

. A constatação da alta qualidade dos trabalhos, sobre a história das mulheres e, seu estatuto marginal, em relação ao conjunto da disciplina.

. Um desafio teórico, exigindo a análise não só da relação entre as experiências masculinas e femininas no passado mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais.

Mas nem só de teoria vive a história e as tentativas de conceituar o termo Gênero, muitas das vezes não saíram dos quadros da Academia e “incluíam generalizações redutoras ou simples demais, minando o sentido de casualidade” Scott(1991). Mais do que isso não levavam em conta o engajamento do movimento feminista, suas lutas e estudos, na elaboração das análises.

As teorias hoje existentes sobre o conceito de gênero se colocam dentro de duas categorias. Umas que explicam o conceito de forma essencialmente descritiva, sem interpretar e atribuir casualidade. Neste âmbito estão os estudos recentes do uso do Gênero, que acabaram virando sinônimo de “Mulher” (grifo nosso). Onde se lia antes mulheres, leia-se agora gênero. Essa utilização acaba por dar uma conotação mais objetiva e neutra (não nos esqueçamos do significado de neutro no dicionário) à inserção das mulheres. A tentativa acaba descartando a participação e experiência do movimento feminista, dissociando Ciência (s) e Política. Não implica também numa tomada de posição sobre a assimetria de poder, nem designa a parte lesada.

Outras teorias explicam o conceito de gênero, para sugerir que as informações a respeito das mulheres são necessariamente informações sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Esse uso insiste na ideia de que o mundo de mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Rejeitam-se assim as esferas separadas, as justificativas biológicas. O gênero seria uma forma de indicar “construções sociais” , como coloca Scott (1991), citando Gates, “O Gênero é segundo essa definição uma categoria social imposta sobre um corpo assexuado” [[10]](#footnote-10). O uso assim do conceito de gênero pressupõe todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. Coloca-se aqui então o desafio de reconciliar a teoria com a história, que trata das experiências e estudos específicos. Como articular teoria, concebida em termos gerais e universais, com a especificidade de condição feminina?

Na atualidade as (os) historiadoras (es) feministas realizam abordagens sobre o gênero, que podem ser resumidas em três posições teóricas:

1. Um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do Patriarcado.

2. As discussões dentro da tradição marxista.

3. Dividida entre o Pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto. Inspira-se nas várias escolas de Psicanálise para explicar a produção e a reprodução da Identidade de Gênero do sujeito.

Scott (1991, p.14) coloca que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Esta autora coloca quatro elementos, que são constitutivos, para a primeira parte dessa definição ,e que estão relacionados entre si:

1. “Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas” (Scott, 1991, p.15) e muitas vezes contraditórias. Como por exemplo, Eva e Maria. A pureza e a sujeira, o masculino e feminino... As apresentações desses símbolos podem propiciar múltiplas interpretações, mas são contidas em interpretações binárias, a partir de explicações culturais, reprimindo o conflito e “perpetuando a manutenção da interpretação dominante sobre esses símbolos” (grifo nosso).
2. . “Conceitos normativos que, colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Conceitos expressos nas doutrinas religiosas educativas, científicas, políticas ou jurídicas, tomando a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica o sentido de masculino e feminino, via rejeição ou repressão de outras formas” (Scott,1991, p. 15). Assim, por exemplo, a virilidade é associada ao “Masculino” e a feminilidade ao “Feminino”. Uma pessoa não pode ter um comportamento mais dócil/emotivo, que poderá ser “rotulado” de “efeminado”. Outro exemplo é onde fica quem não se situa, dentre o que é colocado como “normal” (grifo nosso) em termos de opções sexuais, já que é a heterossexualidade é a norma predominante socialmente ?[[11]](#footnote-11)
3. Um terceiro elemento seria “a noção de fixidade, de imutabilidade, que leva à aparência eterna na representação binária dos gêneros” (Scott, 1991, p. 15). Pois Scott coloca que, a maioria dos estudos, além de não apresentar a dialética da história, das práticas sociais nas suas análises, não incluem a noção de político, compreendendo esse político, como a resistência ou coerção a que foram sujeitas as mulheres, principalmente para ficarem fora da história. Teria então que se incluir, na conceituação de gênero, a noção de político, tanto em relação às Instituições, como em relação às organizações sociais.
4. Outro elemento seria “a noção de Identidade Subjetiva”. Como as Identidades de gênero são construídas, a partir de formação de conceitos/preconceitos imaginária e simbolicamente. A partir da compreensão da linguagem enquanto elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos, que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer a sua subjetividade. Como trabalhar, por exemplo no campo da Educação, desconstruindo essas formas específicas de internalização de valores grupais e sociais, a partir desses quatro elementos apontados por Scott. Pois, como viver o exercício da sexualidade amarrados aos conceitos de papéis sexuais, de masculino/feminino, de normalidade e anormalidade, de pureza e sujeira. Basta nos recordarmos dos significados/tipos de mulher, que o dicionário nos presenteia, quando define o que é ser “Mulher” (grifo nosso).

Para Scott (1991, p.16) é uma questão, para a pesquisa histórica, entender e saber quais são as relações existentes, entre esses quatro elementos, presentes na primeira parte da definição de gênero de Scott, pois nenhum dos quatro pode operar sem o outro.

Na segunda parte da definição de Scott (1991), de que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”, esta autora utiliza como um dos exemplos, para basear sua definição, uma afirmação de Godelier (1981), o qual segundo Scott (1991. p.17), faz uma reflexão de como o gênero pode estar implicado na concepção e construção do poder, no seu trabalho “The Origins of Male Domination”.

*“... Não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas sobretudo a sociedade que fantasma a sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos que são ligados ao sexo, são constantemente solicitados para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não têm a ver com a sexualidade. Não é só testemunhar, mas testemunhar a favor isto é, legitimar” [[12]](#footnote-12) (Godelier, 1981, p.17)*

Pois para a autora, a questão do poder em relação à hierarquia de gênero, é um ponto importante em seu trabalho. Pois, segundo Scott (1991), estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero, estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que, “essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder” (Scott, 1991, p.17).

Outra questão importante, segundo Scott, é a “função de legitimação do gênero”, que age de várias maneiras. Citando autores (as) como Bordieu (1980); Spivak (1985); Davis (1975); Bynum (1987) e os (as) historiadores (as) da arte, a autora (Scott,1991) assinala que, estes trabalhos, vêm contribuir para “a função de legitimação do gênero”, pois suas interpretações, “baseia-se na ideia de que, as linguagens conceituais empregam a diferenciação, para estabelecer o significado e que, a diferença sexual é uma forma primária de dar significado à diferenciação” (Scott, 1991. p.17).

Se retomarmos, os significados de homem/mulher; masculino/feminino e gênero, que encontramos no dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 1986), poderíamos deduzir que essa afirmação de Scott de que, “as linguagens conceituais empregam a diferenciação para estabelecer significado”, encontra-se presente na definição desses termos (homem/mulher;masculino/feminino e gênero). As diferenças sexuais, utilizadas nas definições, propostas por Ferreira (1986), constroem um sentido de ser homem/mulher (naturalizadas, a partir de atributos sexuais) que se colocam como legitimadoras das relações de interação humana. Scott (1991, p. 19) vai acentuar que essa naturalização estabelece uma ligação entre gênero e poder pois,

*“frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e Desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e feminino” (Scott, 1991, p. 19)*

Pensar e repensar estas questões são fundamentais em relação a todas as culturas, dentro de uma análise, que permita entender a construção dessas representações historicamente situadas, em que os “significados de homem e mulher; masculino e feminino” (grifo nosso), foram sendo construídos, colaborando nas desigualdades de gênero e nas assimetrias, pois elas são estruturantes da cultura.

Sobre a (s) possibilidade (s) de mudança (s), Scott assinala que, a natureza do processo (de mudança), só pode ser determinada no contexto do tempo e do espaço, e as mudanças podem ser de várias ordens e ter várias origens.

*”São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá- político no sentido de que vários atores e das ações, só podem ser determinada especificamente se situada no espaço tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que homem e mulher são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm dentro delas definições alternativas negadas ou suprimidas” (Scott, 1991, p. 21)*

Assim nos perguntamos se não deveríamos buscar a compreensão de como esta conceituação (gênero) está se construindo/desconstruindo , na constituição de sentidos e formas simbólicas, os (as) quais colaboram na constituição de relações de assimetria e desigualdade, possibilitando aparecimento de relações de dominação entre homens e mulheres, na nossa sociedade atual.

Nesse sentido, foram acrescentadas a esse trabalho, algumas reflexões sobre ideologia, seus modos de operação e cultura, propostos por Thompson (1995), em seu livro intitulado *Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social na era dos meios de comunicação de massa*, que são algumas conceituações, que podem colaborar, para entender a construção da assimetria e desigualdade de gênero, bem como das relações de dominação entre homens e mulheres .

**III. Algumas conceituações de Thompson : Ideologia e cultura**

Thompson (1995)[[13]](#footnote-13), pode contribuir com a discussão de gênero e poder, porque vai assinalar, em seu trabalho sobre “ideologia e Cultura”, a importância de entender as desigualdades, já que estas se manifestam em vários planos: político, cultural e o econômico. Para este autor, as desigualdades passam também pelo plano simbólico, com as formas simbólicas se entrecruzando com as relações de poder. Thompson faz uma indagação “de que maneira o sentido serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação?”

Para Thompson, existe uma circulação generalizada de formas simbólicas e, a produção e a troca de formas simbólicas (linguísticas, gestos, ações), é e sempre têm sido uma característica onipresente na vida social (Thompson, 1995, p.9). Para entender a importância, das formas simbólicas, ele explicita o porquê desse interesse e a possibilidade de articulação destas com a (s) relação (ões) de dominação.

*“Estamos interessados do que podem ser chamados usos sociais das formas simbólicas...em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar as relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas”. (Thompson, 1995, p.18)*

*“formas simbólicas através dos quais nós nos expressamos e entendemos os outros não constituem outro mundo, etéreo que se coloca em oposição ao real: ao contrário, elas são parcialmente constitutivas do que em nossas sociedades é real” (Thompson, 1995, p.19)*

Esses dois verbos “estabelecer e sustentar” são fundamentais, na concepção deste autor., segundo Brandão (2000), que os assinala em seu trabalho [[14]](#footnote-14)

*“resta-nos destacar os demais termos usados por Thompson na sua conceituação de Ideologia maneiras como o sentido mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação (Thompson,1995, p.79, grifos da autora). Ao empregar os verbos, estabelecer e sustentar (grifos da autora), o autor atribui o mesmo valor às bases material e simbólica na produção de relações de dominação. Isto é Thompson considera que o sentido é construído e constrói relações sociais.” (Brandão, 2000, p. 13)*

Assim, baseado no trabalho de Thompson, poderíamos deduzir que, o sentido que constrói relações sociais, poderia estar “estabelecendo e sustentando formas simbólicas -como os significados de homem/mulher;masculino/feminino; gênero (grifo nosso), que apesar de poderem conter inúmeras possibilidades de sentido, podem também *estabelecer e sustentar* várias relações sociais, que tenham como base manter relações de dominação de gênero, dependendo dos significados que lhes sejam atribuídos socialmente, dependendo da época histórica e de processos de valorização dos diversos sentidos (homem/mulher;masculino/feminino;gênero), já que” o sentido é construído e constrói relações sociais ““.

Por outro lado, de acordo com Thompson (1995), no âmbito das Ciências Sociais, o estudo das formas simbólicas está associado ao “conceito de cultura” (grifo nosso). Thompson vai propor uma modificação nesta conceituação de cultura (presente nas ciências sociais), na medida em que vai acentuar, que os fenômenos culturais, podem ser vistos como formas simbólicas em contextos estruturados, que a contextualização, das formas simbólicas, implica também, que estas “podem tornar-se objetos de processos complexos de valorização, avaliação e conflito“ (Thompson,1995, p. 23). Brandão (2000), analisando Thompson (1995, p. 165), pontua que este autor,

*“propõe um conceito de cultura que denomina concepção estrutural de cultura (grifo da autora), sugerindo uma concepção que dá destaque tanto ao caráter simbólico dos fenômenos culturais, como ao fato de tais fenômenos estarem inseridos em contextos sociais estruturados” (Brandão, 2000, p. 12)*

Thompson também explicita a “valorização,” como processos, através dos quais é conferido às formas simbólicas determinado “valor” (Thompson,1995). Existe, segundo o autor, duas formas de valor: simbólico e econômico ,

*“valor simbólico- o valor que as formas simbólicas possuem em virtude das maneiras como elas são apreciadas pelas pessoas que as produzem e recebem, em virtude das maneiras como elas são apreciadas ou denunciadas, queridas ou desprezadas por esses indivíduos...valor econômico- pode ser entendido como o valor que as formas simbólicas adquirem em virtude de serem trocadas no mercado” (Thompson,1995, p. 23)*

Podemos também, indo pelo assinalado por Thompson (1995) falar de “dominação quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas” (Thompson,1995, p.80). Algumas das assimetrias presentes historicamente, são o gênero, raça e classe. Como essas relações se concretizam nas assimetrias de gênero? Para este autor,

*“... entre as assimetrias que são mais importantes e mais duráveis nas sociedades modernas, estão aquelas baseadas nas divisões de classe, gênero, etnia, estado/nação. Elas são alguns dos elementos que estruturam as instituições sociais e os campos de interação...”.(Thompson, 1995, p.378).*

Como a ideologia poderia atuar, estabelecendo e sustentando relações de dominação nas instituições e no nível intrapsíquico, reforçando as assimetrias de gênero e a desigualdade entre homens e mulheres? Para Thompson, é importante resgatar a trajetória do conceito de ideologia , pela sua importância na construção de sentido e da cultura, pois se os significados, são inerentes a cada cultura, podem existir vários sentidos (significados), dependendo do contexto social ; do valor atribuído (ser aceito ou desprezado pelos indivíduos); do sentido, que mobilizado, pelas formas simbólicas, está continuamente implicada na construção de relações sociais , estabelecendo e sustentando relações de dominação. Pois para Thompson (1995),

*“formas simbólicas não são meramente representações que servem para articular ou obscurecer relações sociais ou interesses que são constituído fundamental e essencialmente em um nível pré-simbólico: ao contrário, as formas simbólicas estão, contínua e criativamente, implicadas na constituição das relações sociais como tais... Proponho conceitua lizar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação...” (Thompson, 1995:78-79).*

A proposta teórica. deste autor, em relação à “ideologia”, por outro lado, pode colaborar nos estudos sobre gênero, ao relacionar “sentido e poder”. Assim, o autor assinala, na sua “conceituação de ideologia” como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de poder (relações de dominação), que são sistematicamente assimétricas.

*“na reformulação do conceito de ideologia procuro reenfocar esse conceito numa série de problemas que se referem às inter-relações entre sentido (significado) e poder...o conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas-que eu chamarei de relações de dominação. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é sentido a serviço do poder.” (Thompson,1995, pp.15-16)*

O gênero, segundo Thompson (1995) é uma “das assimetrias mais importantes e permanentes nas sociedades modernas porque é uma dos elementos, estruturam as instituições sociais e o campo da interação” (Thompson, 1995,p. 378). Esse pressuposto do autor conjuntamente com sua concepção de ideologia, cultura, etc. pode contribuir com a construção do conceito e nos estudos de gênero. Brandão (2000) assinala que,

*“para Thompson (1995, p.78) as relações de dominação não se esgotam nas hierarquias de classe, mas incluem também outros sentidos e tipos de dominação, tais como as relações estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação (grifos da autora). Isto é Thompson (1995) considera que o masculino e o feminino constituem também campos estruturados de relações de dominação..” (Brandão, 2000, p.13)*

Um elemento importante, no trabalho de Thompson, é a reflexão de “como a ideologia opera“. O autor identifica alguns ”modos de operação da ideologia“ , que estão colocados , de forma resumida, ”na tabela 1.2 –Modos de Operação da Ideologia” (Thompson,1995, p.81)[[15]](#footnote-15) que são : Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação.

A “legitimação”, segundo Thompson, diz respeito a um modo de operação, no qual as relações de dominação, podem ser estabelecidas e sustentadas, pelo fato de serem representadas como legítimas, como justas e dignas de apoio. Thompson (1995, p.82), se baseou na teoria de Max Weber, que distinguiu três tipos de fundamentos sobre os quais, afirmações de legitimação, podem estar baseadas : Fundamentos racionais (apelo às legalidades das regras); fundamentos tradicionais (apelo à santidade das tradições imemoriais) e fundamentos carismáticos (apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade). Esses pressupostos se concretizam através das seguintes estratégias:

* + Racionalização : o produtor de uma forma simbólica constrói, uma cadeia de raciocínio, que procura justificar um conjunto de relações ou instituições sociais e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio (Thompson, 1995, pp. 82-83) ;
  + Universalização: Alguns acordos institucionais, que servem a interesses de alguns indivíduos, são apresentados como de interesse de todos e , pode propagar a ideia de que é aberto ao qualquer um que tenha habilidade a tendência a ser neles bem sucedidos (Thompson, 1995, p. 83);
  + Narrativização: Busca exigências de legitimação que se evidenciam, a partir de histórias, que contam o passado e, tratam o presente, como parte de uma tradição eterna e estável (Thompson, 1995, p. 83);

No modo de operação de “dissimulação”, as relações de dominação, podem ser estabelecidas ou sustentadas, porque podem estar sendo ”ocultadas, negadas ou obscurecidas” ou serem representadas “de uma maneira que desvia nossa atenção” ou não levar em conta relações e processos existentes (Thompson, 1995, p. 83). As estratégias para esse modo de operação são:

* Deslocamento: usado quando um termo que , habitualmente é empregado, para se referir a um objeto ou pessoa, é usado para se referir a outro. Nesse caso as conotações negativas ou positivas do termo são transferidas para o objeto ou pessoa (Thompson, 1995, p. 83)
* Eufemização : ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva, havendo aí uma mudança de sentido pequena ou imperceptível (Thompson,1995, p. 84)
* Tropo : utilização de figuras da linguagem como a “sinédoque” - quando se utiliza a função semântica de uma parte e do todo. Essa técnica, segundo Thompson (1995, pp.84-85), pode dissimular relações sociais através da confusão ou da inversão entre *coletividades e suas partes e entre grupos particulares e formações sociais e políticas mais ampla*; “metonímia” – envolve o uso de um termo que toma o lugar de um atributo, ou de um adjunto, ou de uma característica relacionada a algo para se referir à própria coisa, *embora não exista conexão necessária entre o termo e a coisa à qual alguém possa estar se referindo* (Thompson,1995,p.85); “metáfora” - implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente não pode ser aplicado (Thompson,1995,pp.85-86)

O terceiro “modo de operação” da ideologia é a “Unificação”, que significaria a construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos, numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separa-los. Utiliza as estratégias, segundo Thompson (1995, p.86), de:

* Padronização : formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento “partilhado” (grifos nossos) e aceitável de troca simbólica;
* Simbolização da unidade : construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo ou uma pluralidade de grupos .Thompson (1995, p. 86) assinala em relação a essa estratégia que,

*“ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação” (Thompson 1995, p. 86)*

Outro modo de operação da ideologia é a “fragmentação” o qual age, segmentando indivíduos e grupos, que possam se contrapor aos grupos dominantes. Utiliza as estratégias de

* Diferenciação: com ênfase nas diferenças e divisões, entre grupos e pessoas, apoiando as características que os desunem, e os impedem de constituir um desafio efetivo (Thompson, 1995, p. 87);
* Expurgo do outro: “essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (Thompson, 1995,p. 87). Essa estratégia pode se sobrepor com a “unificação”, pois exorta as pessoas a se unir contra a “ameaça” / “perigo”.

O quinto modo de operação da Ideologia, para Thompson é a “reificação”. A ideologia como “reificação” envolve a eliminação ou ofuscação, do caráter sócio histórico dos fenômenos. Thompson empresta frase de Claude Lefort, para exemplificar esse modo , pois para este (Lefort) a reificação envolve “o restabelecimento da sociedade *sem história* *no seio da sociedade histórica* (Thompson, 1995, p.88)". As estratégias referentes, a esse modo de operação , são:

* Naturalização: uma criação social e histórica pode ser tratada como um acontecimento natural ou como resultado inevitável de características naturais (Brandão,2000, p. 16) [[16]](#footnote-16);
  + - * Eternalização : os fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico e são apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes. Essa estratégia é importante pois aponta, para o fato, de como os costumes; tradições e instituições,

*“parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado, de tal forma que todo traço de sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável, adquirem então uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada. Eles se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente” (Thompson, 1995, p. 88)*

* Nominalização: que acontece quando sentenças ou parte delas, descrição da ação e dos participantes é transformada em nomes e “passivização” - presente em verbos colocados na voz passiva (Brandão, 2000, p. 16).

Thompson (1995, pp.81-82) faz três considerações, sobre os cinco modos de operação da ideologia, explicitando que :

* Esses cinco modos não são as únicas maneiras de como a ideologia opera, ou que estes modos operem sempre independentemente um do outro, ele coloca que pelo contrário esses modos “podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente”;
* Associando, certos modos de operação, a certas estratégias de construção simbólica, Thompson não quer dizer que estas estratégias estão associadas, unicamente a esses modos, pois “o máximo que se pode dizer é que essas estratégias estão tipicamente associadas com certos modos de operação da ideologia”;
* Ao realçar certas “estratégias” Thompson, não quer dizer, que elas “sejam ideológicas” (grifos do autor) como tais. Nenhuma estratégia é intrinsecamente ideológica. Assim o autor assinala que,

*“o Exame das estratégias típicas de construção simbólica pode alertar-nos para algumas das maneiras como o sentido pode ser mobilizado no mundo social e como pode delimitar um raio de possibilidades para a operação da ideologia; mas não pode tomar o lugar de uma análise cuidadosa das maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de dominação em circunstâncias particulares e concretas” (Thompson, 1995, p.82)*

Thompson também vai propor uma “metodologia para interpretar a ideologia” - a hermenêutica de profundidade , a qual coloca as condições hermenêuticas da pesquisa sócio histórica: o campo-objeto-de-pesquisa sócio histórica diferenciado dos campos-objeto das ciências naturais, na medida em que esse campo-objeto (da pesquisa sócio histórica) é também “um campo subjetivo”, “pré-interpretado” (grifos nossos) que é em “parte constituído, pelos sujeitos, que no curso rotineiro de suas vidas cotidianas estão constantemente interessados a si próprios e nos outros, em produzir ações e expressões significativas produzidas pelos outros” (Thompson,1995, p.32). Essa proposta metodológica, coloca como fundamental, na construção da análise da ideologia, a “relação pesquisador/sujeito de pesquisa” (interpretação/reinterpretação); “a contextualização histórica da análise” e a “a análise formal ou discursiva”.

# IV. Scott e Thompson : algumas reflexões iniciais

Poderíamos fazer uma analogia entre um dos elementos da definição de gênero, proposta por Scott (1991), na primeira parte de sua conceituação, que são “os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas**”** (Scott,1991, p. 15), com um dos “modos de operação” da ideologia para Thompson (1995) que é a “legitimação”, já que,

*“a representação das relações de dominação como legítimas pode ser vista como uma* ***exigência de legitimação*** *que está baseada em certos fundamentos, expressa em certas formas simbólicas e que pode, em circunstâncias dadas, ser mais ou menos efetiva... estratégias de legitimação podem também ser expressas através da estratégia de* ***narrativização****: essas exigências estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável...” (Thompson, 1995, pp.82-83).*

A tradição judaico cristã, que herdamos e que, baseou/baseia, os valores culturais da sociedade ocidental atual, foram e estão expressos em documentos de cunho religioso (a Bíblia por exemplo) e podem estar sustentado “relações de dominação” (grifos nossos) na atualidade. Um exemplo seria relembrar, da história de Eva, que cometeu pecado original e, foi expulsa do “paraíso”, porque “provou do fruto do conhecimento” (grifos nossos), segundo uma das versões da Bíblia. Essa história passou ao longo da história como “verdade” e obscurecendo outras possibilidades e histórias. O grupo Católicas pelo Direito de Decidir-CDD, teólogas feministas e estudiosas [[17]](#footnote-17) têm questionado essa história bíblica, de Eva, como verdade absoluta. [[18]](#footnote-18)

Para Scott (1991) outro elemento presente na sua conceituação, em relação à primeira parte da definição, seria “a noção de fixidade, de imutabilidade, que leva à aparência eterna na representação binária dos gêneros” (Scott ,199, p. 15). A autora assinala que, a maioria dos estudos, além de não apresentar a dialética da história, das práticas sociais, nas suas análises, não incluem a noção de político- compreendendo esse político como a resistência ou coerção a que foram sujeitas as mulheres, principalmente para ficarem fora da história. Teria que se incluir na, definição de Gênero, o sentido de político, tanto em relação às Instituições, como em relação às organizações sociais. Thompson (1995), pode colaborar com este elemento da conceituação de gênero, proposta por Scott, quando, este autor pontua, a estratégia de *eternalização***,** embutida em um dos “modos de operação” da ideologia, que é a “reificação”**,** o qual pode servir de analogia com o aspecto assinalado por Scott (1991, p. 15) em relação à “noção de fixidade, imutabilidade, que leva à aparência eterna da representação binária dos gêneros”. Este autor coloca que, os fenômenos sócio- históricos, são esvaziados de seu caráter histórico e se cristalizam na vida social. Seu caráter, aparentemente a- histórico, é reafirmado através de formas simbólicas.

*“fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes... Eles se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente” (Thompson, 1995, p. 88).*

Também a ideologia orienta nossa atenção em direção às relações de dominação que, caracterizam o contexto, dentro do qual, as formas simbólicas são produzidas e recebidas., segundo Thompson (1995, p. 378)· Poderíamos fazer uma correlação, desse pressuposto de Thompson, com o trabalho de Scott (1991, p.21) quando ela vai pontuar que a “natureza do processo de mudança só pode ser determinada, no contexto do tempo e espaço, e através de processos de várias ordens e origens. Ela afirma que homem/mulher são ao mesmo tempo categorias” vazias e transbordantes “.Vazias porque não têm nenhum significado último (transcendente); transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas podem conter” definições alternativas, negadas ou suprimidas “.

Ao situar , na sua conceituação os quatro elementos: símbolos; conceitos normativos; a noção de político , instituições e organizações sociais e a identidade subjetiva de gênero (na primeira parte de sua conceituação de gênero) podemos correlacionar esta sua proposta, com vários dos modos/estratégias de operação da ideologia de Thompson como a “dissimulação”, que segundo este autor pode ocultar, negar e obscurecer as relações de dominação (no caso aqui em pauta as relações entre homens e mulheres por exemplo); a “naturalização” em que a criação social e histórica , aparece como um fato natural e como resultado de características naturais. O significados atribuídos aos termos mulher/homem; masculino/feminino, no dicionário da língua portuguesa, parecem imersos num processo, onde a anatomia e função reprodutiva[[19]](#footnote-19) parecem ter um sentido eterno. Como afirma Brandão (2000, p.16) sobre a importância desse modo de operação, proposto por Thompson, para os estudos de gênero.

*“destes modos de ideologia chamamos atenção para a naturalização (grifo da autora), na medida em que constitui o foco de problematização dos estudos e do conceito de gênero: a ressignificação social e hierarquizada do masculino e feminino a partir de diferenças biológicas (naturalizadas) entre o macho e fêmea, para usar a diferenciação linguística proposta por Izquierdo (1994)”.* (Brandão, 2000, p. 16)

Izquierdo (1994) realiza uma discussão importante, sobre o processo “naturalização”, em relação a transsexualidade, a qual aponta que,

*“...la estrutura de géneros de la sociedad no se toma como modificable, sea porque no se desea modificar, sea porque no se cree que se pueda modificar. Si algo anda mal y la estrutura de la sociedad debe tomarse como constante, qué es lo variable y qué depende de qué? Su respuesta fue considerar variable l****e*** *individ****ue*** *y esencial el género, sendo el sexo lo contingente. Un****e*** *puede ser de uno u otro género y el sexo ha de corresponder necesariamente al género. Si no se produce correspondencia* ***estoy encerrado en un cuerpo equivocado*** *, hay que corregir el error, cambiar el cuerpo. Lo que implícitamente se está diciendo es que lo físico es más mudable que lo psíquico y lo social...; cuando la fórmula utilizada para justificar la desigualdad social siempre ha sido recurrir a las diferencias físicas!...” (Izquierdo, 1994, p.38).*

Assim ao pesquisarmos em Ferreira (1986) o termo gênero, do ponto de vista gramatical, este apresenta vários significados e, agrega no seu bojo sentidos mais amplos ligados a “caracteres convencionalmente estabelecidos” (grifos nossos), bem como a “atividades habituais decorrentes da tradição” (grifos nossos). Se voltarmos de novo para os vários significados de “mulher” apontados por Ferreira, apresentarem o significado de *Meretriz* não encontraríamos nenhuma explicação lógica, para “mulher” significar “meretriz”. Será que a estratégia assinalada por Thompson, que é a “metonímia” poderia dar uma pista para esse sentido estar sendo articulado (mulher/meretriz)[[20]](#footnote-20) pois “através da metonímia, o referente pode estar suposto sem que isso seja dito explicitamente, ou pode ser avaliado valorativa mente, de maneira positiva ou negativa, através da associação com algo” (Thompson, 1995, p.85). Um trabalho interessante, em relação a essa discussão (mulher/meretriz), seria traçar, num percurso histórico, de que maneira esses dois sentidos acabaram se aproximando, podendo em alguns momentos, ser “quase sinônimos” (grifos nossos). Por outro lado esses sentidos podem significar relações de dominação e hierarquias de gênero , pois o sentido de homem (para o dicionário) não parece, a princípio, possibilitar a mesma articulação de mulher/meretriz. Também se pensarmos que, a concepção de mulher é de ser ou “santa” ou “puta”, onde fica o livre exercício de cidadania e o exercício dos desejos? E as possibilidades, que tiveram que ser negadas, para esses sentidos persistirem nos dias de hoje?

As proposições teóricas, de Thompson (1995) na conceituação da “ideologia”, podem colaborar nos estudos sobre gênero.

Poderíamos enfrentar essa reflexão das mais variadas formas e sob os mais variados prismas teóricos. Preferimos nessa primeira discussão da temática, expor algumas questões que envolvem a conceituação de “gênero” em Scotte “Ideologia” em Thompson*.* Achamos que a conceituação de Scott (1991),sobre gênero, pode servir nessa reflexão, por englobar várias componentes, que açambarcariam melhor o conceito, principalmente no que tange aos estudos que trabalham a questão da subjetividade e esmiuçar os sentidos desses vários elementos presentes no conceito.. Embora também seja uma das explicações e o saber tem que existir para ser “transformado/construído/reconstruído” incessantemente, num movimento de busca das “singularidades sociais e pessoais dentro da subjetividade capitalística” (Guattari, 1986, p.35). Ou como propõe Scott que “homem e mulher” são categorias “vazias” e “transbordantes”, reafirmando a relatividade desses termos. Também Thompson colabora, quando coloca a necessidade, da análise social, levar em conta a produção, recepção e circulação dos sentidos e situando o “potencial criativo“, da interpretação da ideologia- porque pode contribuir na crítica da dominação, pois têm uma conexão intrínseca. “Ela está metodologicamente predisposta a estimular uma reflexão crítica sobre a relação de poder e dominação” (Thompson, 1995, p.38).

Assim, em lugar de nos perguntarmos sobre o que é gênero ou “gênero o que é isso?” , pergunta que serviu de base a texto anterior[[21]](#footnote-21), será que não deveríamos buscar a compreensão de como esta denominação está se “construindo/desconstruindo?” (grifos nossos)

Desse pequeno apanhado surgem, como certas, mais do que certezas, inúmeras incertezas e possíveis pistas necessárias, para a construção de uma sociedade “mais justa e igualitária nas suas diferenças, semelhanças e multiplicidades”. Enfrentarmos a reflexão aqui colocada é um desafio para todas (os) nós. Essa discussão/compreensão acompanha todos os níveis da sociedade e nos envolve a todos. No campo da academia o “desafio de resgatarmos o conhecimento de uma forma a inserir, essa reflexão, no seio de todas as disciplinas”. Assim a Gramática, a Medicina, o Direito, a Biologia, a Psicologia, etc. surgem como disciplinas a serem problematizadas. No seio dos movimentos, a necessidade de refletir sobre nossa história, que faz parte da História, em aprender/compreender a importância destas colocações aqui sumariamente ainda esboçadas. Estes são alguns dos desafios.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ALMEIDA, M. E. S. **Pelo avesso da cultura; o feminino.** In Insight Psicoterapia. N. 17: Março/abril 1992, pp. 12 -15.

BANDEIRA, L. M. & OLIVEIRA, E. M. de. **Trajetória da produção acadêmica sobre as relações de gênero nas ciências sociais.**  GT 11 in A transversalidade do gênero nas ciências sociais. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Outubro de 1990.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2a. Ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira pp. 768, 844, 903, 1099, 1168.

GUEDES, M. E. F. **Gênero o que é isso?** in Revista Psicologia: Ciência e Profissão.Brasília:Câmara de Comunicação Social/ CFP, 1995

IZQUIERDO, Maria Jesús. **Uso y Abuso Del Concepto De Género**. Madrid, 1994, mimeo.

**-------------El malestar en la desigualdad**. Madrid: Ediciones Cátedra,1998, pp.94-95.

SCOTT, Joan. **Gênero; uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: An useful category of hystorical analyses. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes Editora, 1995.

1. Refiro-me ao trabalho de Guedes, M.E.F. ”Gênero o que é isso?” in **Psicologia – Ciência e Profissão Nºs 1,2,3 –ano 15.** Brasília: CFP, 1995. Este trabalho teve uma primeira versão feita em 1992 e foi apresentado no Iº Encontro da Rede de Estudos e Pesquisas do Norte/Nordeste e depois de revisado foi publicado em 1995 pela revista do Conselho Federal de Psicologia. [↑](#footnote-ref-1)
2. Estamos utilizando neste trabalho o texto de Scott, Joan. **Gênero; uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: An useful category of hystorical analyses. Recife, S.O.S. Corpo, 1991. Existe ainda duas outras traduções do texto de Scott feito pela revista “Educação e Realidade”, uma de 1990 e outra versão (revisão do texto de 1990) editada pela mesma revista em seu Nº 20, nº 2, p.9-255, jul./dez.1995. Utilizamos neste trabalho a versão do SOS Corpo de 1991, porque o texto por nós trabalhado anteriormente estava baseado nessa versão. [↑](#footnote-ref-2)
3. Thompson, John, B. **Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Vozes, 1995. [↑](#footnote-ref-3)
4. Não estamos aqui querendo afirmar que a palavra “meretriz” tenha “valoração negativa” mas sim assinalar que a mesma lógica não acompanha as definições de mulher/homem para o dicionário da língua portuguesa. [↑](#footnote-ref-4)
5. Essas diferenças foram assinaladas no artigo anteriormente citado **gênero o que é isso?** (Guedes, 1995, pp 5-6). [↑](#footnote-ref-5)
6. Não cabe aqui assinalarmos as especificidades presentes em cada um dos usos do termo e em outros trabalhos “conceito” pelos diversos movimentos e/ ou organizações/Fóruns nacionais e internacionais. Na verdade existe também por parte desses uma grande diversidade de utilização e conceituação do termo gênero. Essa colocação sobre o significado de gênero é uma síntese não correspondendo a sua definição, sob vários pontos de vista teóricos, o que não faremos nesse trabalho. [↑](#footnote-ref-6)
7. Op. cit.Guedes, M.E.F. **Gênero o que é isso ?** (pp.7-8) [↑](#footnote-ref-7)
8. Alguns estudos estão sendo feitos, no campo da linguagem e comunicação, sobre os significados diferenciados de homem/mulher; masculino/feminino . A maioria destes trabalhos é produzida na academia. [↑](#footnote-ref-8)
9. Op.cit. Scott, Joan. **Gênero: uma categoria..** .. [↑](#footnote-ref-9)
10. Op.cit. Scott, Joan. **Gênero: uma categoria..** .. [↑](#footnote-ref-10)
11. Sobre a reflexão teórica em relação à opção sexual, já existe literatura enfocando essa questão. Lembramos o texto da estudiosa Izquierdo, M.J. “El cuerpo: Semejanza, Desigualdad Y Diversidad in **El malestar en la desigualdad**.. Madrid: Ediciones Cátedra,1998, pp.94-95 , o qual trabalha o transexualíssimo. [↑](#footnote-ref-11)
12. op.cit. Scott, Joan .**Gênero uma categoria...** Segundo nota, neste trabalho da autora, ela se refere ao trabalho de Maurice Godelier que em francês foi publicado sob o título “Les Rapports Hommes/femmes: le probleme de la domination masculina in La Condition Feminina, obra coletiva sob direção do CERM, Ed. Sociales, Paris, 1976”. [↑](#footnote-ref-12)
13. Op. cit. Thompson, John, B. **Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social ...** [↑](#footnote-ref-13)
14. Brandão, M.A da S. ”Homilias em Casamento Católico: uma Interpretação da Ideologia de Gênero”. São Paulo:PUC/SP, Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, 2000. Neste trabalho a autora utiliza o trabalho de Thompson para analisar as Homilias de Casamento Católico, destacando a importância de alguns elementos presentes, no conceito de ideologia de Thompson, para a análise social e gênero. [↑](#footnote-ref-14)
15. Op. cit. Thompson, John, B. **Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social ...**

    [↑](#footnote-ref-15)
16. resumindo essa estratégia, de acordo com Thompson (1995, p.88) [↑](#footnote-ref-16)
17. Existem hoje vários estudos entre Teólogas feministas como Maria José Rosado, pastoras luteranas e outras estudiosas e/ou militantes que vêm questionando algumas versões da Bíblia como “história verdadeira” (grifo nosso). Basta lembrar-se do livro **Lilith a lua negra**; de descobertas das luteranas sobre os textos caldeus, que dão outra interpretação dos eventos descritos na Bíblia, etc. [↑](#footnote-ref-17)
18. op, cit. Brandão, M.A da S. **Homilias em Casamento Católico: uma Interpretação...** A autora assinala a importância de trabalhos de revisão e reflexão sobre a doutrina católica feitos por teólogas e estudiosas. [↑](#footnote-ref-18)
19. Não pretendemos aqui dizer que necessariamente este fato (função reprodutiva) sempre foi submetido a esse processo de naturalização e que, suas características (formas que essa relação de naturalização assumiu), foram sempre recebidas assim pelos indivíduos. Mas esse processo de naturalização pode ter contribuído para *estabelecer e sustentar* relações de dominação entre homens e mulheres. [↑](#footnote-ref-19)
20. Em materiais de audiovisual e/ ou vídeo produzidos, na última década, por várias ONG’s e movimento de mulheres, a discussão sobre o sentido de mulher (e significado dessa construção em termos da linguagem) têm sido uma das possibilidades ,de recurso metodológico, para realizar sensibilização sobre as relações de gênero “. Particularmente interessante é o vídeo *Nossas Vidas* que trata da construção gramatical (homem/mulher) e as associações sobre ser” santa “e” puta “. Nesse material (vídeo Nossas vidas) foi utilizado os conceitos expressos no dicionário da língua portuguesa. [↑](#footnote-ref-20)
21. Op. cit.Guedes, M.E.F **Gênero o que é isso ?** [↑](#footnote-ref-21)